

**DA TELA À SALA DE AULA: INSTRUMENTOS PARA MEDIAÇÃO CRÍTICA DE
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM ANIMAÇÕES INFANTIS¹**

**FROM SCREEN TO CLASSROOM: TOOLS FOR CRITICAL MEDIATION OF GENDER
REPRESENTATIONS IN CHILDREN'S ANIMATIONS**

**DE LA PANTALLA AL AULA: HERRAMIENTAS PARA LA MEDIACIÓN CRÍTICA DE
LAS REPRESENTACIONES DE GÉNERO EN LAS ANIMACIONES INFANTILES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-304>

Data de submissão: 01/10/2025

Data de publicação: 31/10/2025

Sandra dos Santos Vitoriano

Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: sandravitoriano@unb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7486635423395676>

Carla Sabrina Xavier Antloga

Doutora em Psicologia Social

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: antlogacarla@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1693120835730857>

Roberto Luis Medina

Pós-Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Universidade de Brasília

E-mail: prof.medina@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8931140252408340>

RESUMO

Os produtos audiovisuais infantis constituem poderosos agentes na formação de identidades de gênero, operando através de mecanismos que frequentemente escapam ao escrutínio crítico de crianças e educadores. Este artigo apresenta metodologia interdisciplinar e instrumentos práticos para análise e mediação pedagógica de representações de gênero em animações, tomando como objeto empírico a trilogia Cinderela da Disney (1950-2007). Através da Análise Fílmica Interdisciplinar Diacrônica (AFID), que articula análise visual, teorias de gênero e psicanálise, examinamos as transformações nas representações do trabalho doméstico feminino ao longo de seis décadas. A investigação revela três estratégias evolutivas de naturalização de estereótipos: vigilância disciplinar no filme de 1950, incorporação superficial de elementos progressistas em 2002, e cooptação sofisticada de discursos feministas em 2007. Introduzimos o conceito de "modernização conservadora" para caracterizar como aparentes avanços nas representações mascaram a preservação de estruturas ideológicas tradicionais. Como contribuição central, propomos protocolo de análise aplicável em contextos educacionais diversos, acompanhado de diretrizes para desenvolvimento de material didático organizado por faixas

¹ Este artigo completo é inédito e apresenta desenvolvimento expandido de pesquisa cujo resumo simples foi apresentado no II Congresso de Estudos de Gênero e Interseccionalidades (CEGI 2025), PUCRS, do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 23-25 de setembro de 2025.

etárias, roteiros de discussão e propostas de atividades que visam capacitar educadores a promover consumo cultural crítico. Os resultados subsidiam práticas pedagógicas que ampliam possibilidades de desenvolvimento identitário infantil para além de limitações impostas por estereótipos de gênero midiaticamente construídos e naturalizados.

Palavras-chave: Educação Crítica de Mídia. Representações de Gênero. Animação Infantil. Trabalho Doméstico Feminino. Formação Identitária.

ABSTRACT

Children's audiovisual products constitute powerful agents in the formation of gender identities, operating through mechanisms that frequently escape critical scrutiny by children and educators. This article presents an interdisciplinary methodology and practical instruments for analysis and pedagogical mediation of gender representations in animations, taking Disney's Cinderella trilogy (1950-2007) as empirical object. Through Diachronic Interdisciplinary Film Analysis (DIFA), which articulates visual analysis, gender theories, and psychoanalysis, we examine transformations in representations of female domestic work over six decades. The investigation reveals three evolutionary strategies for naturalizing stereotypes: disciplinary surveillance in the 1950 film, superficial incorporation of progressive elements in 2002, and sophisticated co-optation of feminist discourses in 2007. We introduce the concept of "conservative modernization" to characterize how apparent advances in representations mask the preservation of traditional ideological structures. As a central contribution, we propose an analysis protocol applicable in diverse educational contexts, accompanied by guidelines for developing didactic material organized by age groups, discussion scripts, and activity proposals that aim to enable educators to promote critical cultural consumption. The results support pedagogical practices that expand possibilities for children's identity development beyond limitations imposed by media-constructed and naturalized gender stereotypes.

Keywords: Critical Media Education. Gender Representations. Children's Animation. Female Domestic Work. Identity Formation.

RESUMEN

Los productos audiovisuales infantiles son poderosos agentes en la formación de identidades de género, operando mediante mecanismos que a menudo escapan al análisis crítico de niños, niñas y educadores. Este artículo presenta una metodología interdisciplinaria y herramientas prácticas para el análisis y la mediación pedagógica de las representaciones de género en la animación, tomando como objeto empírico la trilogía de Cenicienta de Disney (1950-2007). Mediante el Análisis Diacrónico Interdisciplinario del Cine (ADIC), que articula el análisis visual, las teorías de género y el psicoanálisis, examinamos las transformaciones en las representaciones del trabajo doméstico femenino a lo largo de seis décadas. La investigación revela tres estrategias evolutivas para la naturalización de estereotipos: la vigilancia disciplinaria en la película de 1950, la incorporación superficial de elementos progresistas en 2002 y la sofisticada cooptación de discursos feministas en 2007. Introducimos el concepto de «modernización conservadora» para caracterizar cómo los aparentes avances en las representaciones enmascaran la preservación de estructuras ideológicas tradicionales. Como contribución principal, proponemos un protocolo de análisis aplicable a diversos contextos educativos, acompañado de pautas para el desarrollo de materiales didácticos organizados por grupos de edad, guías de discusión y propuestas de actividades que buscan empoderar a los educadores para promover un consumo cultural crítico. Los resultados respaldan prácticas pedagógicas que amplían las posibilidades de desarrollo de la identidad infantil, superando las limitaciones impuestas por los estereotipos de género construidos y naturalizados por los medios de comunicación.

Palabras clave: Educación Mediática Crítica. Representaciones de Género. Animación Infantil. Trabajo Doméstico Femenino. Formación de la Identidad.

1 INTRODUÇÃO

A formação identitária infantil constitui um processo complexo e multifacetado, influenciado por diversos agentes socializadores que operam simultaneamente na construção de subjetividades. Hall (2006) oferece compreensão fundamental deste processo ao argumentar que:

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores “e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p.11).

Esta perspectiva evidencia que a formação identitária não constitui processo autônomo ou isolado, mas resulta de negociações constantes entre dimensões subjetivas e contextos culturais. A relação entre crianças e produtos culturais midiáticos não pode ser compreendida como mera exposição passiva a conteúdos, mas configura processo ativo de consumo cultural.

Canclini (2008, p. 83) define que “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”, perspectiva que ressalta a dimensão social e simbólica do consumo cultural infantil. Torna-se fundamental, portanto, compreender como os produtos culturais destinados às crianças participam da regulação social das identidades em formação, mediando o diálogo entre subjetividade e cultura identificado por Hall.

Neste contexto, as produções audiovisuais da The Walt Disney Company, empresa que detém significativa parcela do mercado global de entretenimento infantil, exercem influência singular na formação de gerações de crianças ao redor do mundo, constituindo um dos “mundos culturais exteriores” mais presentes e influentes na oferta de identidades à infância contemporânea.

Giroux (1995) argumenta que as produções Disney exercem papel ativo na construção de visões de mundo, transcendendo a mera representação da realidade social para configurar-se como instância produtora de significados, o que demanda exame crítico dos valores disseminados por seus produtos culturais. O autor observa:

Existem poucos ícones culturais nos Estados Unidos que possam se igualar ao poder de significação da Disney Company. [...] Como tal, as produções da Disney exercem um papel importante, mas frequentemente negligenciado, nas batalhas culturais em torno do presente e do futuro. Por trás do apelo ideológico à nostalgia, aos bons tempos e ao “lugar mais feliz do globo” existe o poder institucional e ideológico de um conglomerado multinacional que exerce uma enorme influência social e política. (GIROUX, 1995, p.133).

A análise de Giroux revela dimensão fundamental frequentemente obscurecida pelo discurso oficial da Disney: suas produções não são meramente entretenimento inocente, mas constituem pedagogias culturais que ensinam valores, normas e representações específicas sobre o mundo social.

O poder de significação da Disney opera precisamente através da naturalização de suas mensagens ideológicas sob a aparência de diversão infantil, tornando suas representações ainda mais eficazes na formação de subjetividades.

Desde 1937, com o lançamento de *Branca de Neve e os Sete Anões*, as animações Disney consolidaram-se como referência cultural transnacional, transcendendo fronteiras geográficas, linguísticas e socioculturais. Esta expansão global amplifica exponencialmente o poder de significação identificado por Giroux, configurando a Disney como agente cultural que opera simultaneamente em múltiplos contextos nacionais. No Brasil, essa penetração cultural manifesta-se de forma particularmente intensa, com gerações de crianças socializadas através do consumo sistemático de produtos Disney, configurando um fenômeno que merece investigação acadêmica rigorosa sobre seus efeitos na formação identitária infantil.

O presente estudo direciona seu foco analítico para as representações de gênero presentes na trilogia cinematográfica da personagem Cinderela, compreendendo os filmes *Cinderela* (1950), *Cinderela II: Os Sonhos se Realizam* (2002) e *Cinderela III: Uma Volta no Tempo* (2007). Esta delimitação temporal de quase seis décadas permite examinar as transformações, permanências e estratégias discursivas empregadas pela empresa Disney na construção e manutenção de determinadas concepções sobre feminilidade, trabalho doméstico e papéis de gênero.

Scott (1995) oferece contribuição fundamental para compreensão das relações entre gênero, poder e representações sociais. A autora propõe definição analítica que articula múltiplas dimensões do conceito de gênero:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados [...], o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder , mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT,1995, p.86).

Esta conceituação evidencia que as representações de gênero não constituem meros reflexos de diferenças naturais, mas operam como mecanismos primários através dos quais relações de poder são significadas e legitimadas.

Neste contexto teórico, a relevância desta investigação fundamenta-se na necessidade premente de compreender como as representações midiáticas participamativamente da construção de identidades de gênero durante a infância, período crucial para o desenvolvimento de concepções sobre si mesmo e sobre o mundo social. Se o gênero constitui forma primária de significar relações de poder,

torna-se imperativo examinar como produtos culturais destinados às crianças naturalizam determinadas configurações de poder através de suas representações.

Butler (2003), propõe compreensão do gênero enquanto construção performativa que se realiza mediante práticas reiteradas, rejeitando a noção de identidade de gênero como propriedade ontológica dos sujeitos e enfatizando seu caráter social e historicamente produzido:

[...] a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p.25).

Esta perspectiva teórica torna-se fundamental para compreender como produtos culturais destinados à infância participamativamente da construção performativa de gênero. Torna-se imperativo questionar de que maneira essas representações, aparentemente inocentes e destinadas ao entretenimento, operam mecanismos sofisticados de naturalização de estereótipos que podem limitar as possibilidades de desenvolvimento integral das crianças, fixando como naturais aquilo que é, na realidade, culturalmente produzido e historicamente contingente.

O problema central desta pesquisa articula-se em torno da seguinte questão: como as representações do trabalho doméstico feminino na trilogia Cinderela Disney naturalizam estereótipos de gênero através de mecanismos psíquicos que operam além da consciência crítica infantil? Esta problematização desdobra-se em questionamentos específicos sobre as estratégias discursivas empregadas, as transformações observáveis ao longo do período analisado e as possibilidades de mediação crítica por parte de educadores.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa consiste em propor instrumentos teórico-metodológicos para análise e mediação pedagógica de representações de gênero em animações infantis, visando capacitar educadores a promover consumo cultural crítico.

Os objetivos específicos compreendem:

- a) Analisar as representações do trabalho doméstico feminino na trilogia Cinderela Disney (1950-2007), identificando estratégias de naturalização de estereótipos de gênero;
- b) Desenvolver metodologia interdisciplinar (AFID - Análise Fílmica Interdisciplinar Diacrônica) para análise crítica de produtos audiovisuais infantis;
- c) Propor protocolo prático de análise aplicável em contextos educacionais diversos;

- d) Elaborar diretrizes para desenvolvimento de materiais educativos organizados por faixa etária;
- e) Apresentar subsídios para políticas educativas que promovam representações mais equitativas em produtos culturais destinados à infância.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GÊNERO, MÍDIA E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

A compreensão das relações entre gênero, mídia e formação identitária requer abordagem interdisciplinar que articule contribuições dos estudos de gênero, análises midiáticas e teorias do desenvolvimento infantil. O conceito de gênero, conforme elaborado pelas teorias feministas contemporâneas, transcende determinações biológicas para configurar-se como construção social, cultural e histórica que estabelece significados, expectativas e limitações associados à feminilidade e masculinidade.

Beauvoir (1980, p. 9) estabelece premissa fundamental ao afirmar que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", evidenciando o caráter construído das identidades de gênero e deslocando a compreensão do feminino da esfera da natureza para o domínio da cultura.

Esta perspectiva encontra desenvolvimento teórico significativo em Butler (2003), que radicaliza a proposição de Beauvoir ao enfatizar a dimensão performativa do gênero. A contribuição butleriana demonstra que a construção de gênero constitui processo performativo reiterado através de práticas, discursos e representações, sendo fundamental para análise de produtos culturais que oferecem modelos de identificação e naturalizam configurações específicas de feminilidade e masculinidade.

A mídia, neste contexto, não funciona meramente como reflexo de concepções preexistentes sobre gênero, mas opera ativamente na produção, circulação e legitimação de representações que participam da construção social da realidade. Como observa Louro:

[...] as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento [...] elas estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo.(LOURO, 1997, p. 27-28).

Os produtos midiáticos dirigidos ao público infantil assumem papel particularmente significativo neste processo, uma vez que incidem sobre sujeitos em formação, cujas estruturas cognitivas e simbólicas encontram-se em desenvolvimento. Steinberg e Kincheloe (2001, p. 33)

alertam que “[...] o acesso das crianças contemporâneas à cultura infantil comercial e à cultura popular não apenas as motivou a se tornarem consumidoras hedonistas, mas também lhes minou a inocência”.

Tal constatação evidencia o papel formativo da cultura midiática na constituição das identidades infantis.

2.2 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA MÍDIA INFANTIL

A análise crítica das representações de gênero em produtos midiáticos infantis revela a presença sistemática de estereótipos que limitam as possibilidades de identificação e desenvolvimento das crianças. Estas representações operam através de mecanismos simbólicos que naturalizam diferenças socialmente construídas, apresentando-as como características intrínsecas e imutáveis dos sujeitos.

Giroux (2015, p. 222) analisa especificamente as produções Disney, observando que:

“As histórias da Disney funcionam como poderosas máquinas de ensino que não apenas entretêm, mas também educam. Elas produzem conhecimento, valores sociais e prazeres específicos, influenciando profundamente como crianças compreendem a si mesmas e ao mundo social.”

No contexto das animações Disney, as representações femininas historicamente articulam-se em torno de modelos específicos de feminilidade que enfatizam determinadas características, comportamentos e aspirações como naturalmente femininos. Como analisa Zipes (2002, p. 26), “Ao longo dos séculos, a influência dos contos folclóricos e de fadas não diminuiu. Pelo contrário, os contos continuam a exercer um toque extraordinário sobre nossas vidas reais e imaginativas desde a infância até a idade adulta.” (tradução nossa).

O trabalho doméstico, neste cenário, emerge como elemento central na construção da identidade feminina, sendo apresentado não apenas como atividade prática, mas como expressão essencial da natureza feminina.

Esta associação opera através do que Foucault (1987, p. 79-85) define o “dispositivo de sexualidade”: um arranjo complexo de práticas, saberes e estratégias que, ao invés de apenas reprimir, atuam na produção e regulação dos prazeres, ampliando e diversificando as formas de experiência e, simultaneamente, multiplicando os discursos e saberes que sustentam e reforçam relações de poder.

2.3 PSICANÁLISE E ANÁLISE FÍLMICA

A articulação entre psicanálise e análise filmica possibilita compreensão aprofundada dos mecanismos através dos quais as representações audiovisuais operam na constituição subjetiva dos espectadores. A teoria psicanalítica oferece instrumentos conceituais para examinar como as imagens

em movimento mobilizam processos inconscientes de identificação, projeção e introjeção que participam da formação identitária.

Ao refletir sobre as estruturas de representação que organizam o cinema narrativo clássico, Laura Mulvey (2008) desenvolve uma análise pioneira sobre o modo como o prazer visual é constituído por uma lógica patriarcal. A autora argumenta que a experiência cinematográfica é atravessada por relações de poder que definem posições específicas para o olhar masculino e para a imagem feminina, fazendo com que o desejo, a identificação e o próprio ato de ver sejam mediados por um desequilíbrio sexual historicamente construído. Nesse sentido, Mulvey observa que:

[...] num mundo ordenado pelo desequilíbrio sexual, o prazer de olhar foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta sua fantasia sobre a figura feminina, que é estilizada de acordo com ela. [...] A mulher exibida como objeto sexual é o leitmotiv do espetáculo erótico. (MULVEY, 2008, p. 439-440).

O conceito de olhar, fundamental nesta articulação, permite analisar como a estruturação visual das narrativas audiovisuais constrói posições subjetivas específicas para espectadores, definindo lugares de identificação e modos de ver que naturalizam determinadas representações como evidentes e inquestionáveis.

Inspirando-se em Lacan (1998, p. 104), pode-se compreender que “o que olhamos nunca é exatamente o que vemos”, ideia que revela os mecanismos inconscientes que operam na relação entre sujeito e imagem. No contexto das animações infantis, estes mecanismos assumem particular relevância, pois incidem sobre sujeitos cujas estruturas psíquicas encontram-se em formação.

2.4 EDUCAÇÃO CRÍTICA DE MÍDIA

A educação crítica de mídia emerge como campo teórico e prático que busca desenvolver competências para análise, compreensão e produção crítica de conteúdos midiáticos. No contexto educacional contemporâneo, torna-se imperativo promover formação que capacite estudantes a questionar, problematizar e ressignificar as representações presentes nos produtos culturais que consomem cotidianamente.

Kellner e Share (2008) conceituam a educação crítica de mídia como:

A alfabetização crítica da mídia é uma resposta educacional que amplia a noção de alfabetização, incluindo diferentes formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias. Ela também aprofunda o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, informação e poder. Com essa análise corrente, a produção de mídia alternativa dá aos alunos o poder de criar suas próprias mensagens, que podem desafiar textos e narrativas de mídia. (KELLNER E SHARE, 2008, p. 691).

Essa abordagem educativa apoia-se no princípio de que a alfabetização midiática constitui uma competência fundamental para o exercício da cidadania em contextos altamente mediatizados. Inspirando-se na perspectiva freireana, entende-se que a educação crítica se constrói de modo dialógico e colaborativo entre educadores e educandos, mediada pela realidade social (FREIRE, 1987).

3 METODOLOGIA

3.1 ANÁLISE FÍLMICA INTERDISCIPLINAR DIACRÔNICA (AFID)

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa denomina-se Análise Fílmica Interdisciplinar Diacrônica (AFID) e constitui abordagem analítica que articula instrumentos teóricos e metodológicos oriundos da análise filmica, estudos de gênero e psicanálise para examinar representações audiovisuais em perspectiva histórica.

Com base na concepção de Aumont e Marie (2004), a análise de um filme consiste em identificar e descrever seus elementos constitutivos, buscando compreender a forma como se articulam e produzem sentido. Nesse horizonte teórico, a AFID organiza-se em cinco dimensões analíticas complementares.

A primeira dimensão corresponde à análise visual, voltada à observação dos elementos formais do filme, como enquadramento, movimento de câmera, iluminação, cores e composição. De acordo com Bordwell (2008), o estilo cinematográfico pode ser compreendido como o uso sistemático e significativo das técnicas de filmagem que estruturam a experiência visual.

A segunda dimensão refere-se à análise narrativa, responsável por investigar as estruturas dramatúrgicas, o desenvolvimento das personagens e a progressão temporal. Fundamenta-se na premissa de Field (2001) de que a estrutura constitui a espinha dorsal que mantém a história coesa e inteligível.

A terceira dimensão diz respeito à análise de gênero, voltada à identificação das representações de feminilidade, masculinidade e das relações de poder implicadas nessas construções simbólicas. Essa abordagem apoia-se na perspectiva de Scott (1995), segundo a qual o gênero representa uma forma fundamental de significar e organizar as relações de poder no campo social.

A quarta dimensão envolve a análise psicanalítica, destinada a examinar os mecanismos de identificação, projeção e as estruturas do olhar presentes nas obras. Essa vertente teórica fundamenta-se nas contribuições de Mulvey (2008) e Lacan (1998) acerca dos processos inconscientes mobilizados pela experiência cinematográfica e de suas implicações na constituição subjetiva do espectador.

A quinta dimensão contempla a análise diacrônica, voltada à comparação entre transformações e permanências ao longo do período estudado. Essa perspectiva temporal permite compreender como

certas estratégias narrativas e simbólicas se mantêm ou se reconfiguram nas representações filmicas analisadas.

3.2 CORPUS DE ANÁLISE

O corpus desta investigação compreende a trilogia cinematográfica da personagem Cinderela produzida pela The Walt Disney Company, constituída pelos filmes "Cinderela" (1950), "Cinderela II: Os Sonhos se Realizam" (2002) e "Cinderela III: Uma Volta no Tempo" (2007). Esta delimitação permite examinar transformações nas representações de gênero ao longo de quase seis décadas, período que abarca mudanças significativas nas concepções sociais sobre feminilidade e trabalho doméstico.

A escolha da trilogia Cinderela justifica-se por diversos fatores. Primeiramente, a popularidade e penetração cultural destes filmes, que os configuram como produtos com influência significativa na formação identitária infantil. Em segundo lugar, o período temporal abrangido permite análise diacrônica das transformações nas estratégias representacionais da Disney. Finalmente, a centralidade do trabalho doméstico nas narrativas oferece material empírico rico para análise das representações de gênero.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O processo analítico desenvolveu-se em etapas sistemáticas que garantiram rigor metodológico e possibilitaram comparação consistente entre os diferentes filmes. Inicialmente, procedeu-se ao visionamento completo e repetido de cada filme, com registro detalhado de elementos visuais, narrativos e simbólicos relevantes para os objetivos da pesquisa.

Conforme propõem Vanoye e Goliot-Lété (1994), a análise filmica implica um processo de fragmentação, isto é, de decomposição do todo em partes, de modo a permitir o exame minucioso de cada elemento significativo que compõe a obra. A partir dessa perspectiva, realizou-se uma análise segmentada, centrada em sequências específicas que abordam a representação do trabalho doméstico feminino, com especial atenção aos gestos, expressões, contextos e significados atribuídos a essas práticas.

A análise diacrônica permitiu identificar padrões de continuidade e transformação nas estratégias representacionais empregadas pela Disney, revelando como aparentes mudanças podem mascarar permanências estruturais fundamentais.

4 ANÁLISE DA TRILOGIA CINDERELA DISNEY

4.1 CINDERELA (1950): NATURALIZAÇÃO ATRAVÉS DA PUNIÇÃO E VIGILÂNCIA

O filme inaugural da trilogia, produzido em 1950, estabelece paradigma representacional que associa trabalho doméstico feminino à naturalidade, inevitabilidade e virtude moral. A protagonista Cinderela é apresentada como personagem cuja identidade define-se primordialmente através das atividades domésticas que desempenha, criando equivalência simbólica entre feminilidade e domesticidade.

De acordo com Foucault (1987), o poder disciplinar atua menos pela apropriação e mais pela função de adestrar. O filme opera precisamente através deste mecanismo disciplinar, apresentando o trabalho doméstico como uma forma de adestramento feminino que molda corpos, gestos e subjetividades.

A naturalização desta associação opera através de mecanismos visuais e narrativos que apresentam o trabalho doméstico como expressão espontânea da personalidade feminina de Cinderela. As sequências dedicadas às atividades domésticas caracterizam-se pela ausência de indícios de obrigatoriedade externa, sendo o trabalho apresentado como escolha natural da protagonista que encontra satisfação e realização pessoal nestas tarefas.

A sequência inicial do filme estabelece esta naturalização de forma paradigmática. Cinderela é apresentada acordando naturalmente ao amanhecer, cantando alegremente enquanto se levanta para iniciar as tarefas domésticas. A trilha sonora alegre e o ritmo cadenciado dos movimentos sugerem prazer intrínseco na execução dessas atividades. Como analisa Zipes (1995), a Disney opera uma transformação crucial ao converter o trabalho doméstico, que é forçado, em uma expressão natural da bondade e das virtudes femininas.

O sistema de punição e vigilância manifesta-se através da constante supervisão exercida pela madrasta e meio-irmãs, que funcionam como agentes disciplinares responsáveis por manter Cinderela em posição subordinada. Esta vigilância não incide apenas sobre a execução das tarefas domésticas, mas estende-se aos gestos, expressões e aspirações da protagonista, configurando controle total sobre sua subjetividade.

Bentham (2008) descreve o panóptico como um dispositivo no qual os efeitos da vigilância se mantêm permanentes, ainda que sua ação seja intermitente. O castelo da madrasta opera como um panóptico doméstico, onde Cinderela internaliza a vigilância, executando as tarefas mesmo na ausência de uma supervisão direta.

A estrutura visual do filme reforça estas representações através de enquadramentos que enfatizam a pequenez física de Cinderela em relação aos espaços domésticos, iluminação que destaca

sua dedicação ao trabalho e movimentos de câmera que acompanham ritualisticamente a execução das tarefas domésticas. Estes elementos formais colaboram para naturalizar a associação entre feminilidade e domesticidade como evidente e inquestionável.

4.2 CINDERELA II: OS SONHOS SE REALIZAM (2002): MODERNIZAÇÃO SUPERFICIAL

O segundo filme da trilogia, produzido em 2002, apresenta aparentes modificações nas representações de gênero que respondem a transformações sociais ocorridas nas décadas precedentes. Estas modificações, contudo, configuram o que denominamos "modernização superficial", estratégia que incorpora elementos progressistas mantendo estruturas tradicionais fundamentalmente inalteradas.

Jameson (1991) argumenta que a cultura pós-moderna é marcada pela "pastiche", uma forma de paródia que é desprovida de qualquer impulso satírico. O filme de 2002 exemplifica este fenômeno ao incorporar elementos do discurso feminista sem, no entanto, questionar efetivamente as estruturas que esse mesmo discurso critica.

A protagonista é apresentada com maior agência e capacidade de questionamento, características que refletem influências dos movimentos feministas sobre as representações midiáticas. Na sequência onde Cinderela questiona os protocolos da corte, observa-se tentativa de construir personagem mais ativa e reflexiva, capaz de questionar tradições e propor alternativas aos modelos vigentes.

Entretanto, uma análise mais detalhada revela que estas aparentes transformações operam dentro de limites rigorosamente delimitados, os quais preservam estruturas tradicionais fundamentais. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer (1985) observam que a indústria cultural resolve de maneira falaciosa a contradição existente entre a arte e a vida social. No filme, a agência conferida à protagonista restringe-se a aspectos superficiais que não chegam a questionar efetivamente a naturalização do trabalho doméstico como uma responsabilidade inherentemente feminina.

A sequência central do filme, onde Cinderela organiza um baile, ilustra esta contradição. Embora apresentada como iniciativa empreendedora da protagonista, a atividade organizativa é codificada como extensão natural de suas competências domésticas. O filme sugere que Cinderela pode exercer liderança, mas apenas em domínios que correspondem às expectativas tradicionais sobre habilidades femininas.

As inovações narrativas introduzidas no filme concentram-se em aspectos periféricos da caracterização da protagonista, mantendo intacta a associação central entre identidade feminina e competência doméstica. Desta forma, a aparente modernização funciona como estratégia de

atualização que preserva conteúdos ideológicos fundamentais através de modificações formais que simulam transformação substantiva.

4.3 CINDERELA III: UMA VOLTA NO TEMPO (2007): SOFISTICAÇÃO MÁXIMA E COOPTAÇÃO FEMINISTA

O terceiro filme da trilogia, lançado em 2007, representa estratégia ainda mais sofisticada de preservação de representações tradicionais através da cooptação de elementos do discurso feminista. Esta produção demonstra capacidade da Disney de incorporar críticas aos seus produtos transformando-as em elementos que paradoxalmente reforçam as representações questionadas.

Como analisa Žižek (2003), a ideologia não pode ser compreendida como uma mera "falsa consciência" ou uma representação ilusória da realidade, mas sim como a própria realidade que já se apresenta enquanto "ideológica". O filme de 2007 exemplifica essa sofisticação ideológica ao criar representações que aparentam questionar estruturas tradicionais, quando, na verdade, as reforçam.

A protagonista é construída como personagem aparentemente empoderada, capaz de questionar autoridades, tomar decisões independentes e modificar situações adversas através de sua ação. Na sequência onde Cinderela confronta diretamente a madrasta, observa-se tentativa de responder às críticas feministas que apontavam a passividade das protagonistas Disney como problemática para a formação identitária das meninas.

Butler (2003) observa que o poder não é algo que se aplica externamente aos sujeitos, mas sim o que os constitui enquanto tais. A análise revela, contudo, que este aparente empoderamento opera através de mecanismos que mantêm intactas as associações fundamentais entre feminilidade e domesticidade. O poder conferido à protagonista manifesta-se primordialmente na sua capacidade de executar com mais eficiência as tarefas domésticas e de organizar melhor o ambiente do lar, o que acaba por naturalizar ainda mais profundamente estas associações.

A sequência climática do filme, onde Cinderela usa magia para acelerar a execução das tarefas domésticas, ilustra paradigmaticamente esta estratégia. O empoderamento é codificado como capacidade sobrenatural de realizar mais eficientemente as mesmas atividades tradicionalmente femininas, não como questionamento da naturalização dessas atividades.

A sofisticação desta estratégia reside na criação de ilusão de empoderamento que mascara a manutenção de estruturas tradicionais. Nesse contexto, Bourdieu (2012), observa que a "violência simbólica" se caracteriza por ser um tipo de coerção que extrai submissões sem que estas sejam sequer percebidas como tal. No filme, a protagonista aparenta ter controle sobre sua situação, mas este

controle é exercido exclusivamente dentro de limites predefinidos, os quais preservam sua identificação primordial com o trabalho doméstico.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 TRÊS ESTRATÉGIAS DE NATURALIZAÇÃO

A análise da trilogia Cinderela Disney permitiu identificar três estratégias principais através das quais a empresa naturaliza associações entre feminilidade e trabalho doméstico ao longo de quase seis décadas. Estas estratégias não representam fases sucessivas e excludentes, mas camadas sobrepostas de sofisticação crescente que respondem a transformações no contexto social e às críticas direcionadas aos produtos Disney. As estratégias identificadas demonstram capacidade notável de adaptação às mudanças sociais, incorporando elementos de crítica feminista sem alterar fundamentalmente as estruturas ideológicas que perpetuam estereótipos de gênero.

A primeira estratégia, denominada "naturalização através da punição e vigilância", caracteriza o filme de 1950 e opera através de mecanismos disciplinares explícitos que mantêm a protagonista em posição subordinada. Esta estratégia fundamenta-se na apresentação do trabalho doméstico como consequência natural da condição feminina, sendo a punição reservada para tentativas de escape desta condição. O sistema de vigilância constante exercido pela madrasta e meio-irmãs funciona como dispositivo panóptico que internaliza a disciplina, fazendo com que Cinderela execute as tarefas domésticas mesmo na ausência de supervisão direta. A eficácia desta estratégia reside precisamente na sua capacidade de fazer parecer que o trabalho doméstico constitui escolha livre da protagonista, quando na realidade resulta de sistema coercitivo sofisticadamente mascarado.

A segunda estratégia, "modernização superficial", emerge no filme de 2002 e caracteriza-se pela incorporação de elementos aparentemente progressistas que não alteram estruturas fundamentais. Esta estratégia permite que a Disney responda às críticas feministas sem modificar substancialmente suas representações de gênero. O filme apresenta protagonista com maior agência e capacidade de questionamento, características que refletem influências dos movimentos feministas sobre as representações midiáticas.

Entretanto, esta agência conferida à protagonista restringe-se a aspectos superficiais que não questionam efetivamente a naturalização do trabalho doméstico como responsabilidade feminina. A estratégia revela-se particularmente eficaz ao transformar críticas feministas em elementos de marketing que atraem audiências mais conscientes, neutralizando o potencial transformador dessas críticas através de sua incorporação controlada.

A terceira estratégia, "sofisticação máxima e cooptação feminista", manifesta-se no filme de 2007 e representa o ápice da capacidade Disney de neutralizar críticas através de sua incorporação modificada. Esta estratégia cria ilusão de empoderamento feminino que paradoxalmente reforça as associações tradicionais que aparenta questionar. A protagonista é apresentada como personagem empoderada, capaz de tomar decisões independentes e modificar situações adversas.

Contudo, este empoderamento manifesta-se primordialmente na capacidade de executar mais eficientemente as mesmas tarefas domésticas tradicionalmente associadas ao feminino. A sofisticação desta estratégia reside na criação de aparência de transformação radical que mascara a manutenção das estruturas fundamentais, fazendo com que o público perceba mudanças significativas quando, na realidade, as associações centrais entre feminilidade e domesticidade permanecem intactas.

5.2 MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA

O conceito de "modernização conservadora" emerge desta análise como chave interpretativa que permite compreender como aparentes progressos nas representações Disney funcionam efetivamente como mecanismos de preservação de estruturas ideológicas tradicionais. Esta modernização opera através de mudanças formais que simulam transformações substantivas mantendo inalterados os conteúdos fundamentais. O conceito revela processo através do qual a indústria cultural contemporânea absorve e neutraliza críticas sociais, transformando-as em elementos que paradoxalmente fortalecem as estruturas questionadas.

A modernização conservadora caracteriza-se pela capacidade de incorporar elementos críticos transformando-os em componentes que reforçam as estruturas criticadas. No caso específico das representações de gênero analisadas, observa-se como discursos de empoderamento feminino são mobilizados para naturalizar ainda mais profundamente associações entre feminilidade e domesticidade. As protagonistas dos filmes mais recentes apresentam maior autonomia e poder de decisão, mas este poder exercita-se exclusivamente dentro de limites predefinidos que preservam sua identificação primordial com o trabalho doméstico. O empoderamento conferido não questiona a naturalização do trabalho doméstico como responsabilidade feminina, mas apenas amplia os modos através dos quais esta responsabilidade pode ser exercida.

Esta estratégia revela-se particularmente eficaz porque responde às expectativas de transformação social sem efetivamente alterar as representações questionadas. O público percebe mudanças nas caracterizações das protagonistas sem identificar a manutenção das estruturas ideológicas fundamentais. A modernização conservadora opera através de mecanismos sutis que criam impressão de progresso enquanto preservam relações de poder tradicionais. As transformações formais

funcionam como cortina de fumaça que obscurece a permanência de conteúdos ideológicos conservadores, permitindo que a Disney simultaneamente capitalize sobre demandas por representações mais equitativas e mantenha estruturas narrativas que perpetuam estereótipos de gênero.

A análise diacrônica revela que cada novo filme da trilogia incorpora críticas dirigidas ao anterior, mas sempre dentro de limites que preservam as associações fundamentais entre feminilidade e trabalho doméstico. Este processo de incorporação controlada de críticas permite que a Disney mantenha relevância cultural e comercial ao longo de décadas, adaptando-se às transformações sociais sem comprometer suas estruturas narrativas básicas. A modernização conservadora, portanto, não constitui mero artifício retórico, mas estratégia sistemática que garante longevidade comercial e cultural dos produtos Disney através de aparente transformação que mascara continuidade essencial.

5.3 MECANISMOS PSÍQUICOS DE NATURALIZAÇÃO

A análise psicanalítica dos filmes revelou mecanismos sofisticados através dos quais as representações de gênero operam além da consciência crítica dos espectadores. Estes mecanismos fundamentam-se na estruturação visual das narrativas que cria posições subjetivas específicas para os espectadores, definindo modos de identificação que naturalizam as representações apresentadas. Os processos identificados operam no nível do inconsciente, mobilizando desejos, fantasias e estruturas afetivas que escapam ao controle racional, tornando as representações particularmente eficazes na formação de identidades de gênero.

O olhar construído pelos filmes posiciona os espectadores em lugar de aprovação e admiração em relação às protagonistas precisamente nos momentos em que elas executam tarefas domésticas. Esta estruturação cria associação inconsciente entre valor moral, atratividade pessoal e competência doméstica que opera independentemente de reflexão crítica consciente. A câmera adota posicionamentos específicos que constroem a protagonista como objeto de contemplação prazerosa exatamente quando ela se dedica ao trabalho doméstico. Esta codificação visual estabelece equivalência simbólica entre feminilidade desejável e domesticidade, operando através de mecanismos que precedem e ultrapassam a compreensão racional.

Os filmes mobilizam recursos audiovisuais específicos que conferem dimensão ritualística e sagrada ao trabalho doméstico. A trilha sonora emotiva transforma tarefas cotidianas em performances ceremoniais, elevando atividades prosaicas à condição de expressões elevadas de virtude feminina. A iluminação cuidadosa confere qualidade etérea às protagonistas durante a execução das tarefas, sugerindo que o trabalho doméstico constitui vocação espiritual feminina. A montagem rítmica das

sequências de trabalho doméstico cria sensação de harmonia e completude, associando realização pessoal à execução eficiente dessas atividades.

A antropomorfização de animais que colaboram com as protagonistas nas tarefas domésticas constitui mecanismo particularmente sofisticado de naturalização. Ao apresentar toda a natureza convergindo espontaneamente para auxiliar a protagonista no trabalho doméstico, os filmes sugerem que esta atividade não constitui imposição social, mas ordem natural que todas as criaturas reconhecem e apoiam. Esta estratégia opera através da criação de fantasia na qual o trabalho doméstico emerge como atividade naturalmente feminina, inscrita na própria ordem da criação. Os animais funcionam como testemunhas e validadores da correção das ações da protagonista, naturalizando escolhas que resultam, na realidade, de condicionamento social.

Os mecanismos identificados exploram características específicas do funcionamento psíquico infantil, particularmente a tendência a processar informações através de associações afetivas e imagéticas antes do desenvolvimento completo de capacidades de análise crítica racional. As crianças internalizam associações entre feminilidade e domesticidade através de processos identificatórios que operam no nível pré-consciente, estabelecendo estruturas afetivas duradouras que resistem a questionamento posterior. Esta eficácia dos mecanismos psíquicos de naturalização evidencia a necessidade de intervenções educativas que desenvolvam capacidades críticas desde a infância, oferecendo instrumentos conceituais que permitam às crianças questionar representações que, de outra forma, seriam internalizadas como verdades naturais e inquestionáveis.

6 INSTRUMENTOS EDUCATIVOS PROPOSTOS

6.1 PROTOCOLO DE ANÁLISE CRÍTICA

O protocolo de análise crítica desenvolvido nesta pesquisa constitui instrumento prático que permite a educadores identificar e problematizar representações de gênero em produtos audiovisuais infantis. Este protocolo estrutura-se em etapas sequenciais que orientam o processo analítico garantindo abrangência e sistematicidade, oferecendo metodologia acessível que não requer formação especializada prévia em análise filmica ou estudos de gênero.

Fundamentado na perspectiva freireana de que o ensino demanda rigorosidade metódica (FREIRE, 1987), o protocolo oferece metodologia sistemática que pode ser aplicada por educadores em diferentes contextos socioeducacionais. A primeira etapa consiste na identificação de representações de gênero presentes no produto audiovisual, com particular atenção para associações entre características pessoais e papéis sociais. Nesta fase inicial, os educadores são orientados a

observar como personagens femininos e masculinos são caracterizados visualmente, quais atividades desempenham, como se relacionam entre si e quais valores são associados a cada gênero.

A segunda etapa examina os mecanismos através dos quais estas representações são naturalizadas, identificando estratégias visuais, narrativas e simbólicas empregadas. Kellner (2001) argumenta que a literacia midiática crítica deve capacitar estudantes a analisar como os produtos midiáticos constroem significados através de técnicas específicas. Seguindo esta orientação, o protocolo direciona a atenção dos educadores para elementos como iluminação, enquadramento, trilha sonora, ritmo narrativo e construção de personagens que contribuem para apresentar determinadas representações como naturais e inevitáveis.

A terceira etapa analisa as posições subjetivas construídas para os espectadores, examinando como a estruturação do olhar define lugares de identificação e modos de ver. Esta análise baseia-se nas contribuições sobre as estruturas do olhar no cinema (MULVEY, 2008), orientando educadores a observar com quais personagens as crianças são incentivadas a se identificar, quais comportamentos são apresentados como dignos de admiração e quais posições subjetivas o filme oferece aos espectadores de diferentes gêneros.

A quarta etapa contextualiza as representações identificadas em relação a transformações sociais e debates contemporâneos sobre gênero, promovendo conexões entre análise textual e compreensão crítica da realidade social. Esta etapa visa desenvolver consciência histórica sobre construção social de gênero, permitindo que educadores auxiliem crianças a compreender que as representações observadas não são naturais ou universais, mas produtos de contextos históricos específicos que podem ser questionados e transformados.

6.2 MATERIAL EDUCATIVO POR FAIXA ETÁRIA

O material educativo proposto organiza-se por faixas etárias específicas, reconhecendo que diferentes estágios do desenvolvimento infantil requerem abordagens pedagógicas diferenciadas. Piaget (1999) demonstra que o desenvolvimento cognitivo se caracteriza por estágios qualitativamente diferentes que requerem estratégias educativas específicas, fundamentação que orienta a organização dos materiais propostos.

Para crianças de 4 a 6 anos, propõem-se atividades lúdicas que promovem reflexão sobre diversidade de papéis sociais sem reproduzir dicotomias rígidas. Estas atividades fundamentam-se na perspectiva vygotskyana de que o brinquedo cria zona de desenvolvimento proximal da criança (VYGOTSKY, 2007), utilizando jogos, dramatizações e atividades artísticas que ampliam possibilidades de identificação para além de estereótipos de gênero. As atividades propostas podem

incluir dramatizações onde meninas e meninos experimentam diferentes papéis profissionais, jogos de inversão de papéis tradicionais e criação de histórias alternativas onde personagens desafiam expectativas estereotipadas.

Para crianças de 7 a 9 anos, recomenda-se a elaboração de roteiros de discussão que incentivam questionamento de estereótipos através de perguntas abertas e dinâmicas participativas. Bruner (1997) argumenta que a educação deve ser pensada como processo de construção colaborativa de significados, perspectiva que fundamenta os roteiros desenvolvidos. As discussões propostas partem das experiências e observações das próprias crianças, estimulando comparações entre representações midiáticas e realidade social, identificação de estereótipos em diferentes produtos culturais e reflexão sobre limitações impostas por expectativas de gênero.

Para pré-adolescentes de 10 a 12 anos, sugere-se a criação de atividades de análise crítica que desenvolvem competências de literacia midiática. Esta abordagem fundamenta-se na proposição de que crianças mais velhas podem desenvolver análises sofisticadas de produtos midiáticos quando adequadamente orientadas (BUCKINGHAM, 2003). As atividades podem incluir análise comparativa de diferentes produtos audiovisuais, identificação de estratégias de naturalização de estereótipos, produção de narrativas alternativas e discussões sobre responsabilidade social de produtores culturais.

O material para cada faixa etária deve incluir objetivos pedagógicos específicos adequados ao desenvolvimento cognitivo e socioemocional de cada fase, sugestões de atividades pré-exibição que preparam as crianças para visionamento crítico através da ativação de conhecimentos prévios e estabelecimento de questões orientadoras, roteiros de discussão pós-exibição que promovem reflexão sobre representações observadas mediante perguntas abertas que estimulam pensamento crítico, e atividades complementares que ampliam a reflexão para contextos cotidianos, conectando análise midiática a experiências pessoais das crianças.

6.3 GUIAS VISUAIS PARA EDUCADORES

Os guias visuais propostos visam oferecer instrumentos práticos que auxiliam educadores a identificar elementos significativos durante o visionamento de produtos audiovisuais infantis. Estes guias apresentam exemplos visuais acompanhados de análises que demonstram como elementos aparentemente neutros participam da naturalização de representações de gênero, capacitando educadores a desenvolver olhar crítico sobre produções culturais infantis.

Aumont (1993) propõe que ver é operação que implica reconhecimento, memória, associação de ideias, julgamento estético e atividade lógica. Os guias propostos visam orientar esta operação de

ver, fornecendo ferramentas conceituais para análise crítica que transformam o visionamento de produto de entretenimento em atividade de aprendizagem sobre construção social de gênero.

Os guias devem organizar-se em categorias temáticas que abordam diferentes dimensões das representações de gênero. A primeira categoria examina representações do trabalho doméstico, orientando educadores a observar como estas atividades são apresentadas, quais personagens as executam, quais reações emocionais acompanham sua realização e como são valorizadas narrativamente. A segunda categoria analisa construção visual da feminilidade, focalizando elementos como figurino, cores, movimentos corporais, expressões faciais e posicionamento espacial que participam da codificação de determinadas características como naturalmente femininas.

A terceira categoria investiga relações de poder entre personagens, auxiliando educadores a identificar hierarquias implícitas nas interações, padrões de quem fala e quem escuta, quem toma decisões e quem obedece, quem é apresentado como competente e quem como dependente. A quarta categoria examina mecanismos de identificação e projeção, orientando análise de com quais personagens os espectadores são incentivados a se identificar, quais desejos são mobilizados, quais fantasias são construídas e quais posições subjetivas são oferecidas.

Cada categoria deve incluir exemplos extraídos de diferentes produções audiovisuais, permitindo que educadores desenvolvam competências analíticas transferíveis para outros contextos. Os guias não se limitam à análise da trilogia Cinderela, mas oferecem instrumentos conceituais aplicáveis a diversos produtos culturais infantis, capacitando educadores a realizar análises críticas autonomamente. Os exemplos apresentados devem acompanhar-se de questões orientadoras que podem ser adaptadas a diferentes contextos educacionais, respeitando especificidades culturais, socioeconômicas e etárias dos grupos com os quais os educadores trabalham.

7 IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS EDUCATIVAS

Os resultados desta pesquisa apresentam implicações significativas para o desenvolvimento de políticas educativas que promovam formação identitária menos limitada por estereótipos de gênero. A compreensão dos mecanismos através dos quais produtos culturais infantis naturalizam representações restritivas constitui passo fundamental para desenvolvimento de estratégias educativas mais eficazes.

Apple (2006) argumenta que a educação não é processo neutro, mas ato político que pode servir tanto à reprodução quanto à transformação social. A implementação de programas de educação crítica de mídia em contextos educacionais formais e informais emerge como necessidade premente identificada por esta investigação. Estes programas devem contemplar formação de educadores,

desenvolvimento de materiais didáticos específicos e criação de espaços curriculares dedicados à análise crítica de produtos culturais.

A formação de educadores constitui elemento central destas políticas. Giroux (1997) observa que os educadores precisam ser formados como intelectuais críticos capazes de questionar as representações culturais dominantes. Os programas de formação inicial e continuada devem incorporar componentes de educação crítica de mídia, capacitando educadores a identificar mecanismos de naturalização de estereótipos e a desenvolver estratégias pedagógicas que promovam consumo cultural crítico.

A pesquisa sugere também a importância de estabelecer diálogo entre instituições educacionais e produtores de conteúdo audiovisual infantil, promovendo reflexão sobre responsabilidades sociais envolvidas na criação de representações destinadas ao público infantil. Este diálogo pode contribuir para desenvolvimento de produtos que ampliem possibilidades de identificação e desenvolvimento das crianças, oferecendo representações mais diversificadas e menos limitadas por estereótipos de gênero.

As políticas curriculares devem contemplar a educação crítica de mídia como componente transversal, presente em diferentes áreas do conhecimento e níveis de ensino. Esta transversalidade permite abordar a análise crítica de produtos culturais desde a educação infantil, adaptando estratégias pedagógicas aos diferentes estágios do desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. A incorporação sistemática da educação crítica de mídia no currículo escolar contribui para formação de cidadãos capazes de questionar, problematizar e ressignificar as representações culturais que consomem cotidianamente.

As políticas públicas devem também fomentar pesquisas sobre representações de gênero em produtos culturais infantis, criando linhas de financiamento específicas que apoiem investigações rigorosas sobre esta temática. O conhecimento produzido por estas pesquisas deve subsidiar tanto a formação de educadores quanto o desenvolvimento de materiais didáticos e a formulação de diretrizes para produção de conteúdos infantis mais equitativos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação demonstrou como animações infantis, aparentemente destinadas exclusivamente ao entretenimento, operam mecanismos sofisticados de naturalização de estereótipos de gênero que podem limitar as possibilidades de desenvolvimento identitário das crianças. A análise da trilogia Cinderela Disney revelou estratégias progressivamente mais sofisticadas de preservação de associações tradicionais entre feminilidade e trabalho doméstico, culminando em processos de

cooptação que transformam críticas feministas em elementos que reforçam as representações questionadas.

Hall (2006) observa que as identidades são construídas através da diferença, não fora dela. O conceito de modernização conservadora emergiu como chave interpretativa fundamental para compreender como aparentes progressos nas representações midiáticas podem funcionar efetivamente como mecanismos de preservação de estruturas ideológicas tradicionais. Esta descoberta possui implicações que transcendem o contexto específico das produções Disney, oferecendo instrumentos conceituais para análise crítica de transformações mais amplas nas representações midiáticas contemporâneas.

A metodologia Análise Fílmica Interdisciplinar Diacrônica desenvolvida nesta pesquisa constitui contribuição original que pode ser aplicada em contextos educacionais diversos, oferecendo aos educadores instrumentos teóricos e práticos para promoção de consumo crítico de produtos culturais infantis. Os materiais educativos propostos visam traduzir descobertas acadêmicas em ferramentas acessíveis que podem ser implementadas imediatamente em diferentes contextos pedagógicos.

Os resultados sugerem que a educação crítica de mídia constitui competência essencial para formação cidadã contemporânea, particularmente em contextos caracterizados pela presença massiva de produtos audiovisuais na vida cotidiana das crianças. Freire (1987) argumenta que a educação como prática da liberdade implica negação do homem isolado, desconectado do mundo. O desenvolvimento sistemático desta competência requer articulação entre pesquisa acadêmica, formação de educadores e criação de políticas educativas específicas.

Esta investigação contribui para campos interdisciplinares que articulam estudos de gênero, análises midiáticas e educação, oferecendo evidências empíricas sobre mecanismos através dos quais representações midiáticas participam da formação identitária infantil. As descobertas realizadas fundamentam desenvolvimento de intervenções pedagógicas mais eficazes e políticas educativas mais conscientes das complexidades envolvidas na mediação cultural contemporânea.

Butler (2003) observa que a possibilidade de transformação está inscrita no próprio processo de repetição, indicando que as estruturas de poder podem ser questionadas e modificadas através de práticas educativas críticas. A pesquisa demonstra também a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem os efeitos de programas de educação crítica de mídia sobre o desenvolvimento identitário das crianças, bem como investigações que examinem as respostas das crianças às mediações críticas propostas.

Estes desenvolvimentos futuros podem aprofundar a compreensão sobre possibilidades e limitações das intervenções educativas no contexto da cultura midiática contemporânea. Pesquisas comparativas entre diferentes contextos culturais podem revelar especificidades da recepção e apropriação de produtos Disney em diferentes sociedades, contribuindo para desenvolvimento de estratégias pedagógicas culturalmente sensíveis e contextualmente adequadas.

Finalmente, os resultados desta investigação sugerem que a formação de educadores críticos constitui investimento fundamental para promoção de sociedade mais equitativa, na qual as possibilidades de desenvolvimento identitário das crianças não sejam limitadas por representações estereotipadas que naturalizam desigualdades socialmente construídas. A educação crítica de mídia emerge, assim, não apenas como competência técnica, mas como compromisso ético com a formação de sujeitos capazes de questionar, ressignificar e transformar as representações culturais que os cercam.

A análise da trilogia Cinderela Disney evidenciou que as transformações nas representações de gênero ao longo de seis décadas não foram lineares ou progressivas, mas caracterizaram-se por processos complexos de modernização conservadora que preservam estruturas ideológicas fundamentais através de adaptações superficiais. Esta constatação alerta para necessidade de vigilância crítica constante sobre produtos culturais infantis, mesmo aqueles que apresentam incorporar avanços nas representações de gênero.

Os instrumentos propostos nesta pesquisa oferecem alternativas concretas para intervenção pedagógica imediata, capacitando educadores a mediar criticamente o consumo cultural infantil e a promover formação identitária menos limitada por estereótipos de gênero. A aplicação sistemática destes instrumentos em diferentes contextos educacionais pode contribuir para transformação gradual das condições culturais que perpetuam desigualdades de gênero, promovendo futuro onde todas as crianças possam desenvolver suas identidades de forma mais livre e plena.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2004.
- AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas: Papirus, 1993.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. A análise do filme. 3. ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.
- BEAUVIOR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Tradução de Tomás Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *A arte do cinema: uma introdução*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNER, Jerome. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BUCKINGHAM, David. Media education: literacy, learning and contemporary culture. Cambridge: Polity Press, 2003.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- FIELD, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 79-85.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.

GIRoux, Henry A. *The Mouse That Roared: Disney and the End of Innocence*. Editado por Christopher G. Robbins. 1. ed. New York: Routledge, 2015. E-book. ISBN 9781317259169.

GRAMSCI, Antonio. Selections from cultural writings. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

HABERMAS, Jürgen. Teoria de la acción comunicativa. Madrid: Taurus, 1987.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Tradução de Maria Elisa Cevasco. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 2008. p. 437-453.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise filmica. Campinas: Papirus, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZIPES, Jack. Breaking the magic spell: radical theories of folk and fairy tales. Rev. ed. Lexington: University Press of Kentucky, 2002.

ŽIŽEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.